

A LENDA DO  
CAVALEIRO  
SEM CABEÇA

ENCONTRADO ENTRE OS PAPÉIS DO  
FALECIDO DIEDRICH KNICKERBOCKER

*Era uma terra encantadora de  
mente fantasiosa,  
De sonhos que acenam diante  
de olhos semicerrados;  
E de castelos alegres nas nuvens  
que passam,  
Iluminando para sempre um céu de verão.  
Castelo de indolência.*

No interior de uma daquelas vastas enseadas que recortam a praia oriental do Hudson, naquele trecho largo do rio denominado de Tappan Zee pelos antigos navegadores holandeses, e, onde sempre prudentes, recolhiam as velas e imploravam a proteção de São Nicolau quando por ali passavam, existe uma pequena cidade ou porto rural de ativo comércio. Alguns a conhecem por Greensburgh, mas, em geral, ela é mais conhecida pelo nome de Cidade da Demora, que lhe parece mais apropriado. Ela foi assim chamada, pelo que fomos informados, em dias que já se vão longe, por bondosas donas de casa da comarca vizinha, pois seus maridos tinham muito arraigado o costume de se demorarem na taverna da vila em dias de feira. Seja como for, não posso garantir se isso procede realmente ou não; simplesmente menciono o fato por amor à precisão e à veracidade. Não muito distante dessa cidade, talvez a uns três quilômetros, encontramos um pequeno vale, ou melhor, uma extensão de terras cercada de altas colinas, que é um dos lugares mais tranquilos do mundo inteiro. Passa por ali um pequeno regato, cujo murmúrio por certo embala o repouso de seus habitantes; o silvo esporádico de uma codorniz ou o toque-toque de um pica-pau são praticamente os únicos sons a quebrar a quietude plena do lugar.

Lembro-me de que, quando rapaz, a primeira vez que fui caçar esquilos foi em um bosque de noqueiras imponentes que faziam sombra a um dos lados do vale. Era meio-dia quando entrei ali. Nessa hora, em que toda a natureza fica muito silenciosa, o estampido de minha arma fê-la estremecer, violando a serenidade do sábado nos arredores à medida que o som se prolongava e reverberava em ecos raivosos. Se um dia eu tivesse de escolher um refúgio onde pudesse ficar isolado do mundo e de suas distrações, e passar ociosamente as horas que me restam de minha vida

atribulada, nenhum outro lugar me apeteceria mais do que esse valezinho.

A languidez imperturbável do local, o caráter peculiar de seus habitantes, descendentes dos primeiros colonizadores holandeses, há muito fez com que esse pequeno vale solitário ficasse conhecido pelo nome de Vale Adormecido; seus rudes moços são conhecidos como os Jovens do Vale Adormecido em toda a região vizinha. Uma aura de torpor e de sonho como que paira sobre a terra e penetra a própria atmosfera. Alguns dizem que o lugar teria sido enfeitiçado por um velho médico alemão durante os primeiros dias da colonização; outros, que um velho chefe índio, profeta ou feiticeiro de sua tribo, praticava ali seus ritos mágicos num tempo em que o Mestre Hendrick Hudson ainda não havia descoberto o lugar. O certo é que o local continua ainda sob a influência de algum encantamento muito forte, cujo feitiço tomou conta da mente das pessoas de boa índole, fazendo com que andem sempre a sonhar. Elas acreditam em todo tipo de credices fantásticas; entram em transe e veem coisas, e não raro têm estranhas visões; ouvem música e vozes no ar. Muitas histórias circulam por toda a vizinhança; são muitos os lugares assombrados e não faltam superstições ao crepúsculo; em nenhum outro lugar do país se veem tantas estrelas cadentes e meteoros brilhantes. O pesadelo, em suas inúmeras versões, parece ter feito do local o palco favorito para pregar suas peças.

Todavia, o principal espírito que assombra essa região encantada, e que parece ser o comandante em chefe de todas as potestades do ar, é uma figura que aparece montada em um cavalo, porém destituída de cabeça. Alguns dizem tratar-se do fantasma de um mercenário do Hesse,<sup>1</sup> cuja cabeça fora arrancada por uma bala de canhão em alguma das inumeráveis batalhas travadas durante a Guerra da Independência, e que volta e meia é visto pelos camponeses galopando no breu da noite, como se levado

pelas asas do vento. Ele não assombra só o vale, às vezes vagueia também pelas estradas adjacentes, principalmente nas redondezas de uma igreja não muito longe dali. Na verdade, alguns dos historiadores mais idôneos daquelas paragens, que com desvelo coletaram e juntaram os fatos dispersos relativos ao espectro, alegam que o corpo do mercenário foi sepultado no cemitério da igreja. À noite, o fantasma volta ao local da batalha à procura de sua cabeça; quanto à pressa com que às vezes ele passa pelo Vale, muito parecido com a rajada de vento da meia-noite, é porque está atrasado e precisa voltar rapidamente para o cemitério antes do romper da aurora.

Esta é, em linhas gerais, a lendária superstição que tanta substância já proporcionou às histórias mirabolantes daquela região sombria. O espectro é conhecido de todos os lares pelo nome de Cavaleiro Sem Cabeça do Vale Adormecido.

É fato notável que a propensão a visões que mencionei não se limita aos habitantes nativos do vale; ela acaba sendo inconscientemente absorvida por todos os que moram ali durante algum tempo. Não importa o quão despertos tenham sido antes de chegarem àquela região soporífica, passado um pouco de tempo, fatalmente inalam a influência mágica do ar e começam a ficar cheios de imaginação, a sonhar sonhos e ver aparições.

Falo desse lugarejo pacífico do modo mais elogioso possível, pois se acha de tal sorte incrustado nos pequenos e remotos vales holandeses, engolfados aqui e ali pelo

grande estado de Nova York, que sua população, modos e costumes, permaneceram inalterados, enquanto a grande torrente migratória e de progresso, que modifica incessantemente outras regiões deste país efervescente, deixou-os incólumes com sua passagem. Eles são como aqueles recessos de água parada, fronteiros aos ribeirões velozes, onde se veem a palha e a bolha deslizando sossegadamente como que ancorados; ou em vagarosas revoluções em uma mímica de enseada, indiferentes ao burburinho da correnteza que segue adiante. Embora muitos anos já tenham se passado desde que penetrei pela primeira vez nas sombras entorpecedoras do Vale Adormecido, pergunto-me se porventura hei de encontrar ainda as mesmas árvores e as mesmas famílias a vegetar protegidas naquele recanto.

Neste local à parte que a natureza criou, viveu em um período remoto da história americana, isto é, há cerca de trinta anos, um bom homem chamado Icabode Crane, cuja estada — ou, em suas próprias palavras, a “delonga” — no Vale Adormecido tinha como objetivo levar o ensino às crianças da região. Ele era natural de Connecticut, um estado que abastece a União com pioneiros do espírito e das florestas, e todo ano envia legiões de lenhadores à fronteira e mestre-escolas ao interior. O sobrenome Crane<sup>2</sup> não era de todo impróprio àquele homem. Ele era alto, mas extremamente esguio. De ombros estreitos, braços e pernas compridos. Mãos que balançavam a quilômetros de distância das mangas da camisa e pés que poderiam lhe servir de pás. Toda a sua estrutura pendia de maneira desconjuntada. A cabeça era pequena e chata, as orelhas colossais; os olhos verdes, enormes e vítreos, e um longo nariz de narceja que lhe dava uma aparência de cata-vento empoleirado sobre a espinha alongada, indicando a direção do vento. Ao vê-lo caminhar por sobre as montanhas num dia de muito vento, com as roupas largas a flutuar à sua

volta, alguém era capaz de tomá-lo pelo espírito da fome que vinha à terra, ou por algum espantalho fugitivo dos campos de milho.

Sua escola era um prédio baixo com uma sala grande apenas, feita de troncos rústicos; as janelas eram parte de vidro e parte revestidas com folhas de cadernos velhos. Quando não era usada, um junco retorcido era colocado muito engenhosamente na maçaneta da porta fazendo as vezes de trava. Nas janelas, punham-se estacas para escorá-las; assim, se um ladrão conseguisse entrar sem grandes problemas, teria alguma dificuldade para sair — uma ideia muito provavelmente tomada de empréstimo pelo arquiteto, Yost Van Houten, ao mistério que envolve o botirão.<sup>3</sup> A escola ficava em um lugar um tanto ermo, porém agradável, aos pés de uma colina recoberta de árvores, em cujas imediações corria um riozinho. Em uma das extremidades daquela elevação vicejava um vidoeiro soberbo. Dali podia-se ouvir, num dia modorrento de verão, o murmúrio das vozes dos alunos decorando a lição, tal qual um zumbido de colmeia, interrompidas de vez em quando pela voz autoritária do mestre, em tom de ameaça e de comando; ou, ainda, pelo som aterrador da vidoeira, com que ele impelia algum folgazão indolente pela senda florida do conhecimento. A bem da verdade, ele era um homem consciencioso, que trazia na mente a máxima: “Se poupas a vara, mimas a criança.” Os alunos de Icabode Crane certamente não eram mimados.

Nunca, porém, ocorreu-me que ele fosse um desses potentados cruéis da escola, que se regozijam com o sofrimento de seus vassallos; pelo contrário, ele administrava a justiça com critério, e não com severidade, tirando o fardo das costas dos mais fracos e pondo-o sobre as dos mais fortes. Um simples garoto franzino, que recuasse diante do mais leve aceno da vara, era poupado com indulgência. Os clamores da justiça, contudo, eram



satisfeitos com a imposição de castigo dobrado a algum diabrete holandês mais forte e cabeça-dura, que a cada golpe da vidoeira ficava mais mau humorado, mais inchado, mais obstinado e emburrado. A isso Icabode chamava de “cumprir o dever no lugar dos pais”; mas ele nunca castigava sem depois garantir ao jovem dolorido que, para seu consolo, “ele se lembraria da punição e lhe seria grato por ela até o fim dos seus dias”.

Terminadas as aulas, ele até fazia companhia aos garotos maiores em seus jogos; em dias de festa, o professor acompanhava alguns dos mais novos no fim da tarde de volta a suas casas, principalmente os que tinham irmãs bonitas, ou cujas mães eram boas donas de casa, famosas pelos seus dotes culinários. Na verdade, ele se sentia na obrigação de manter um bom relacionamento com seus alunos. A renda da escola era pouca, e mal dava para o pão de cada dia, pois ele era muito voraz à mesa e, embora magro, era capaz de dilatar-se tal qual uma jiboia; no intuito de ajudar com sua manutenção, ele recebia, de acordo com o costume interiorano daquela região, casa e comida das famílias dos fazendeiros cujos filhos eram seus alunos. Isso lhe garantia a sobrevivência semanal; sempre revezando de casa, ele levava consigo amarrados num lenço de algodão, todos os bens mundanos que possuía.

Para que tudo isso não se tornasse por demais oneroso ao bolso de seus benfeitores, muito propensos a considerar os custos da educação um fardo doloroso, e os mestres-escolas simples vadios, ele se fazia útil e simpático de várias maneiras. Assistia os fazendeiros esporadicamente nos trabalhos mais leves da lavoura, ajudava-os a fazer feno, consertava as cercas, dava água aos cavalos, tangia as vacas no pasto e cortava a lenha que seria queimada no

inverno. Deixava de lado também toda a dignidade altiva e a autoridade com a qual comandava seu pequeno império, a escola, tornando-se espantosamente gentil e agradável. Icabode caíra nas graças das mães por seu cuidado com as crianças, especialmente as mais novas; e, a exemplo do leão audaz, que em tempos antigos se deixava estar tão generoso ao lado do cordeiro, ele se sentava com um juvenzinho em um joelho e balançava com o pé um berço durante horas a fio.

Além de outros talentos, ele era também o mestre-cantor do lugar, e ganhava muitos *shillings* reluzentes por ensinar à gente jovem o canto dos Salmos. Não era com pouca vaidade que, aos domingos, tomava seu lugar em frente à galeria da igreja juntamente com um grupo de cantores escolhidos. Ali, em sua mente, julgava tomar por completo os louros do pároco. Sem dúvida sua voz ressoava bem acima do restante da congregação; na igreja, ainda hoje se ouve um vibrato característico, que se pode escutar também a meio quilômetro de distância, do outro lado do açude de azenha em uma manhã calma de domingo, e que dizem ser descendente legítimo do nariz de Icabode Crane. Assim, graças a diversos pequenos paliativos, a que via de regra nos referimos muito engenhosamente com a expressão “por bem ou por mal”, o inestimável pedagogo pôde seguir em frente razoavelmente bem. Os que nada entendiam do trabalho intelectual, achavam que ele levava uma vida muito confortável.

O mestre-escola, geralmente, é um homem de certa importância no círculo feminino de uma comunidade rural. Ele é considerado um personagem ocioso, cavalheiresco, de gosto e realizações infinitamente superiores aos dos jovens do campo, e cujo cabedal de conhecimentos é inferior tão somente ao do pároco. Sua presença, portanto, normalmente provoca uma ligeira comoção à mesa do chá nas casas de fazenda, e é motivo também para que se

multipliquem os bolos e doces; ou, quem sabe ainda, a exibição de um bule de chá de prata. Nosso homem de letras, portanto, muito se alegrava com os sorrisos das donzelas do lugar. Era notável como ele se destacava no pátio da igreja entre um serviço religioso e outro nos domingos; colhia uvas para as moças das vinhas bravas que se estendiam por sobre as árvores vizinhas; declamava, para o encanto das jovens, os epitáfios dos túmulos; ou nos passeios a pé, que fazia acompanhado de uma porção delas ao largo do açude de azenha ali perto, deixando para trás, muito envergonhados, os aldeões de modos grosseiros, que invejavam sua elegância e seu palavreado requintados.

Sua vida meio sem parada fixa fez dele também um tipo de jornal ambulante, levando todo o estoque de fofocas locais de uma casa a outra, de modo que sua presença era sempre saudada com satisfação. Era, além disso, estimado pelas mulheres como homem de grande erudição, pois tinha lido vários livros do começo ao fim, e dominava com maestria a *História da Bruxaria na Nova Inglaterra*, de Cotton Mather; na qual, diga-se de passagem, acreditava piamente e com todas as forças.

Ele era, na verdade, uma estranha mistura de modesta perspicácia com credulidade ingênua. Seu apetite pelo maravilhoso, e sua capacidade de digeri-lo, eram igualmente extraordinários. Ambos se fortaleceram depois que passou a morar naquela região enfeitiçada. Não havia história que fosse abjeta ou monstruosa demais para sua enorme capacidade de digestão. Era sempre com prazer que se deitava sobre a rica camada de cravos ao lado do riacho que fluía dolentemente nas imediações do prédio da sua escola, e ali memorizava as narrativas arrepiantes de Mather até que as sombras crescentes do crepúsculo transformavam a página impressa em mera bruma perante seus olhos. Então, ao se dirigir entre pântanos, córregos e um terrível matagal para a casa onde calhava estar

hospedado, todo som da natureza, naquela hora apavorante, incendiava sua imaginação fértil — o queixume do curiango das montanhas, o grito agourento da raineta pressagiando tempestade, o pio lúgubre da coruja-das-torres e até o súbito farfalhar das aves nas moitas saídas do seu poleiro. Também os vaga-lumes, cujo brilho era intenso nos lugares mais escuros, de vez em quando o assustavam, como aquele, de brilho incomum, que cruzou seu caminho. E, se por um acaso, um besouro teimoso dos grandes aparecesse diante dele com seu voo desengonçado, o pobre coitado entregava sem demora o espírito, achando que tinha sido tocado pela magia de uma bruxa. Nessa hora, fosse para espantar tais pensamentos ou os maus espíritos, ele recorria ao cântico dos Salmos. A boa gente do Vale Adormecido, sentada à soleira da porta de suas casas à noitinha, admirava-se de ouvir aquela melodia anasalada, “de doçura muito prolongada”, que lhes chegava flutuando das montanhas distantes ou da escuridão da estrada.

Outra de suas fontes de enorme prazer era passar longas noites de inverno com as velhas senhoras holandesas, que teciam ao pé do fogo enquanto uma fila de maçãs que assavam iam crepitando na lareira. Ele ouvia suas maravilhosas histórias sobre fantasmas e gnomos, campos assombrados, riachos assombrados, pontes assombradas e casas assombradas, e principalmente as histórias do Cavaleiro Sem Cabeça, ou do Mercenário Galopante do Vale, como o chamavam às vezes. Ele também as encantava com suas histórias de bruxarias, de presságios agourentos e visões portentosas, e sons no ar, que prevaleciam nos primeiros tempos de Connecticut. Assustava-as terrivelmente com especulações sobre cometas e estrelas cadentes; e com o fato alarmante de que o mundo de fato girava, e que eles estavam parte do tempo de cabeça para baixo!

Mas o prazer que havia em tudo isso — no cantinho aconchegante ao pé da chaminé de uma sala em que a lenha estalando na lareira produzia uma coloração rubra, e onde, é claro, nenhum espectro ousava mostrar o rosto — só se tornava evidente na volta, graças ao terror que o acompanhava no retorno a casa. Que formas e sombras terríveis povoavam seu caminho, em meio ao fulgor vago e assustador de uma noite sob o manto da neve! Com que olhar ansioso ele observava cada raio de luz tremeluzente de alguma janela distante que cortava os campos incultos! Muitas vezes ele se assustava com algum arbusto coberto de neve que, qual fantasma encoberto por um lençol, surgia em seu caminho! Quantas vezes não se encolheu num arrepio gelado ao ouvir o som de seus próprios passos sobre a crosta gélida debaixo de seus pés; e teve medo de olhar por cima dos ombros, temendo dar de frente com algum ser misterioso a lhe seguir de perto os passos! E quantas vezes também não desfaleceu por completo por causa de uma rajada impetuosa, que vinha sibilante irromper por entre as árvores, achando tratar-se do Mercenário Galopante do Vale em uma de suas andanças noturnas!

Todas essas coisas, porém, eram meros terrores da noite, fantasmas da mente que caminham pelas trevas; e, embora tivesse visto muitos espectros na vida, e sido mais de uma vez incomodado por Satanás de formas diversas em suas perambulações solitárias, a luz do dia punha termo a todos esses males. Teria vivido uma vida agradável, a despeito do demônio e de suas obras, se não tivesse cruzado seu caminho um ser que provoca mais perplexidade ao homem mortal do que os fantasmas, duendes, e toda raça de bruxas reunidas: uma mulher.

Entre seus discípulos musicais, que se reuniam uma noite por semana para aprender o cântico dos Salmos, estava Katrina Van Tassel, filha única de um fazendeiro holandês abastado. Era uma jovem no pleno viço dos seus dezoito

anos, roliça como uma perdiz; madura e succulenta, e de faces rosadas como um dos pêssegos de seu pai. Todos a conheciam não por sua beleza unicamente, mas também pelas enormes expectativas que despertava. Além disso, era também coquete a juvenzinha, como se podia ver pelo seu vestido, em que se fundiam as modas passadas e modernas, acrescentando com isso muito aos seus encantos. Os adereços que usava eram de ouro puro, trazidos por sua tataravó do dique de Saar; um peitilho tentador de tempos idos, e ainda uma anágua curta muito provocante, que deixava à mostra os mais belos pés e tornozelos de toda a região.

O coração de Icabode Crane fraquejava qual tolo diante da atração sexual; não é portanto de admirar que um petisco tão tentador tenha achado graça diante de seus olhos, principalmente depois de tê-la visitado na casa paterna. O velho Baltus Van Tassel era o retrato perfeito do fazendeiro próspero, realizado e de espírito liberal. É verdade que raríssimas vezes sua visão ou seus pensamentos ultrapassaram os limites de sua propriedade; mas ali tudo era acolhedor, alegre e honesto. Ele se sentia satisfeito com sua riqueza, mas não se orgulhava dela; orgulhava-se, isto sim, da abundância de cordialidade, e não do estilo em que vivia. Sua fortaleza situava-se às margens do Hudson, em um daqueles recessos verdejantes, resguardados e férteis onde os fazendeiros holandeses tanto gostam de se instalar. Um grande olmo distendia seus largos galhos por sobre o local, ao pé do qual brotava uma fonte de mais pura e doce das águas em um, pequeno poço feito de barril; depois, corria reluzente pela grama e ia dar em um riacho vizinho, que rumorejava por entre os amieiros e os salgueiros anões. Perto da casa da fazenda havia um celeiro tão grande que até poderia funcionar como igreja. Cada uma de suas janelas e fendas pareciam prestes a explodir devido ao acúmulo de riqueza da fazenda que ali

guardavam. O mangual ressoava incansável no seu interior do amanhecer até a noite; as andorinhas, trinfando, roçavam em voo os beirais; filas de pombos, alguns com um olho voltado para cima, como se observassem o tempo, outros com a cabeça sob as asas ou enterradas no peito; outros ainda inchavam e arrulhavam e, inclinando-se às suas damas, desfrutavam do sol do telhado. Leitões lisos e desengonçados grunhiam na tranquilidade e abundância de suas pocilgas, de onde saíam, vez por outra, tropas de porcos ainda não desmamados, como que para cheirar o ar. Um esquadrão imponente de gansos cor de neve deslizava em um lago vizinho, escoltando esquadras de patos; regimentos de perus grugulejavam pelo terreiro da fazenda; galinhas d'angola choramingavam por ali também, tais quais donas de casa ranzinzas, com seus gritinhos mal-humorados e frustrados. Em frente à porta do celeiro caminhava empertigado e cheio de si o galo, no papel de marido, de guerreiro e de cavaleiro refinado, batendo as asas lustrosas e cocorocando com o coração transbordante de orgulho e alegria — raspando, por vezes, a terra com os pés, e depois chamando generosamente sua família de esposas e filhos sempre famintos, para que se deliciassem com o naco apetitoso que desenterrara.

A boca do pedagogo ficava cheia d'água quando via a suntuosidade que lhe prometia o faustoso repasto de inverno. Em sua mente gulosa, já imaginava dentro do estômago todos aqueles porcos assados acompanhados de um pudim, e uma maçã na boca; faria para os pombos uma cama bem acolhedora dentro de uma confortável torta, e usaria uma crosta como cobertura; os gansos nadariam em seu próprio molho; os patos, bem acomodados, formariam pares de pratos, como casais bem casados, servidos com a devida abundância de molho de cebola. Nos leitões ele viu estampada a futura oleosidade do bacon, e o presunto suculento e apetitoso; não foi um peru que viu, mas uma



ave delicadamente presa, com a moela sob a asa e, talvez, um colar de salsichas saborosas, e um belo galo estendido sobre seu dorso num prato à parte, com as garras erguidas para o alto, como se suplicasse a mercê que, em vida, seu espírito fidalgo recusou-se a pedir.

Enquanto, embevecido, Icabode imaginava todas essas coisas e percorria com seus grandes olhos verdes as férteis planícies, os ricos campos de trigo, centeio, fagópiro e milho, e os pomares carregados de frutos róseos que circundavam a moradia acolhedora de Van Tassel, seu coração ardia pela donzela que havia de herdar esses domínios. Deu asas à imaginação e se pôs a pensar na forma como haveria de transformar tudo aquilo em dinheiro e investi-lo em vastas extensões de terras incultas e em palácios de seixos no deserto. Mais ainda, sua mente criativa já realizava suas esperanças e lhe apresentava a viçosa Katrina ladeada de crianças sobre uma carroça cheia de quinquilharias, de panelas e chaleiras que iam balançando no compartimento inferior. Viu-se a si mesmo cavalgando uma égua de passo esquipado com um potro a segui-la na retaguarda rumo ao Kentucky, Tennessee, ou Deus sabe onde mais!

Ao entrar na casa, completou-se a conquista de seu coração. Era uma daquelas casas de fazenda espaçosas, de telhado alto, porém de teto baixo, inclinado, construída no estilo dos primeiros colonizadores holandeses. Os beirais salientes e baixos formavam uma varanda na parte da frente, que podia ser fechada durante o mau tempo. Aí ficavam pendurados manguais, vários utensílios utilizados na lavoura e redes para pescarias no rio vizinho. Havia bancos nas laterais que eram usados no verão; uma grande roda de fiar em uma das extremidades e uma bateadeira de manteiga na outra, prova da importância do local para usos diversos. Saindo da varanda, o pasmado Icabode entrou no salão, que era o centro do palacete e onde normalmente as

peessoas se reuniam. Ali, fileiras de louças reluzentes dispostas sobre uma cômoda comprida fizeram brilhar seus olhos. Em um canto viu um saco enorme de algodão, pronto para ser tecido; em outro, um amontoado de baetilha recém-saído da tecelagem: viam-se espigas de milho e cordões com maçãs e pêssegos secos pendurados em alegres grinaldas pelas paredes, e a elas se misturavam berloques de pimentas vermelhas. Por uma porta entreaberta ele viu a sala mais fina da casa, onde cadeiras de pés fendidos e mesas de mogno escuro brilhavam feito espelhos; os suportes de lareira. suas pás e tenazes cintilavam recobertas de talos de aspargos; silindras e conchas decoravam o consolo da lareira, cordões com ovos coloridos de diversas aves pendiam acima deles. No centro da sala havia um enorme ovo de avestruz pendurado; num canto, um armário propositalmente deixado aberto, revelava imensos tesouros de prata antiga e porcelana bem emendada.

Desde a hora em que Icabode pôs os olhos nessas coisas maravilhosas, não teve mais paz de espírito. Passava o tempo maquinando como conseguir a afeição da filha incomparável de Van Tassel. Esse empreendimento, contudo, apresentava mais dificuldades do que normalmente tinham de enfrentar os cavaleiros errantes do passado, que raramente pelejavam contra outra coisa que não gigantes, feiticeiros, dragões ferozes e adversários fáceis de vencer antes de cruzar folgadoamente os portões de ferro e de bronze, e as muralhas inexpugnáveis do castelo, onde a dama de seu coração estava presa — tudo isso ele fazia com tanta facilidade quanto um homem que abre caminho até o centro de uma torta de Natal —, e a dama lhe dava a mão, como era de esperar. Icabode, pelo contrário, tinha de abrir caminho até o coração de uma coquetezinha do interior, cheia de extravagâncias e caprichos, que sempre resultavam em novas dificuldades e

obstáculos. Além disso, havia uma hoste de adversários terríveis de carne e osso: os inúmeros admiradores rústicos da jovem, que se postavam em todos os portais de acesso ao seu coração, fiscalizando um ao outro com um olhar raivoso, mas prontos a se unir contra qualquer outro novo competidor.

Dentre eles, o mais formidável era um indivíduo astuto, corpulento e brigão chamado Abraham, ou, segundo a abreviação holandesa, Brom Van Brunt, o herói de toda a região, cujos atos de força e intrepidez eram bem conhecidos. Ele tinha os ombros largos, as articulações ultraflexíveis, usava os cabelos curtos e encaracolados e não tinha meias palavras; sua fisionomia, entre cômica e arrogante, não era porém de todo desagradável. Suas proporções hercúleas e seus membros vigorosos granjearam-lhe o apelido de Brom Bones, pelo qual todos o conheciam. Era famoso por seu vasto conhecimento sobre cavalos e por sua perícia em lidar com eles; montava com a agilidade de um tártaro. Destacava-se em todas as corridas e nas rinhas de galo; e, dotado da incomparável força física que a vida no campo exige, era ele o árbitro de todas as disputas, pondo de lado o chapéu e dando seu veredito com um ar e um tom que não admitiam nem contestação e nem apelações. Ele estava sempre pronto para brigar ou para se divertir; mas em suas atitudes havia sempre mais malícia do que maldade. Apesar de toda a sua enorme rudeza, havia, lá no fundo, um forte componente de bom humor muito brincalhão. Ele tinha três ou quatro bons companheiros, que o consideravam seu modelo, e à frente dos quais percorria toda a região, comparecendo a todos os locais onde houvesse uma briga ou festejos, mesmo que fosse a quilômetros de distância. No frio, sempre punha seu gorro de peles de onde pendia um rabo de raposa. Quando as pessoas avistavam aquele penacho bem conhecido à distância, que vinha balançando no meio de um grupo de

cavaleiros impávidos, sabiam que vinha confusão por aí. Às vezes ouviam-se os gritos de seus companheiros que passavam velozes pelas casas das fazendas à meia-noite, como se fossem uma tropa de cossacos. As senhoras mais velhas acordavam assustadas de seu sono, ouviam por um momento a balbúrdia e, depois de passada, diziam: “Aí vão Brom Bones e sua turma!”. Os vizinhos o olhavam com uma mistura de espanto, admiração e boa vontade. Sempre que havia na região algum tipo de brincadeira mais exagerada ou uma briga, eles sacudiam a cabeça e garantiam que Brom Bones estava por trás daquilo.

Esse herói irresponsável já há algum tempo escolhera a exuberante Katrina para objeto de seus galanteios desastrados, e embora suas investidas amorosas fossem muito parecidas com as carícias gentis e ternas de um urso, comentava-se que ela não desencorajava completamente as esperanças dele. O certo é que a presença de Brom Bones era sinal de que os candidatos rivais, que não quisessem cruzar com o leão apaixonado, deviam se retirar. Tanto era assim que, quando se via seu cavalo amarrado à cerca de Van Tassel em noite de domingo — indicação evidente de que seu mestre estava fazendo a corte —, ou, como se diz, “namorando” lá dentro, todos os outros pretendentes passavam por ali desesperançados e iam dar vazão à sua hostilidade em outro lugar.

Era com esse formidável rival que Icabode Crane tinha de brigar. Tendo em vista todas essas coisas, um homem que fosse mais forte que Icabode teria desistido da empreitada; e outro mais sábio teria entrado em desespero. Ele, porém, tendo misturadas em sua natureza a maleabilidade e a perseverança, era na forma e no espírito como um cipó — flexível, porém firme. Embora se curvasse, nunca se quebrava; e ainda que se dobrasse diante da menor pressão, tão logo se afastava, num supetão só, ficava rígido novamente e prosseguia de cabeça erguida como sempre.

Sair à luta em campo aberto contra seu rival teria sido loucura, pois não era homem de se deixar frustrar por seus amores, muito parecido que era com Aquiles, aquele amante tempestuoso. Icabode, portanto, fez suas investidas de modo silencioso e com insinuada delicadeza. Sob o pretexto de ser mestre do coro, fazia visitas frequentes à casa da fazenda, não que receasse a intromissão dos pais, que com muita frequência é pedra de tropeço no caminho dos apaixonados. Balt Van Tassel era uma alma tranquila e paciente. Amava mais a filha do que ao cachimbo, e como homem sensato e pai extremoso, deixava que a filha tudo decidisse por si mesma. Sua pequena e notável esposa também tinha muito o que fazer na casa além de cuidar de suas aves. Como ela mesma dizia com muita sabedoria, os patos e os gansos são seres tolos, e precisam de quem olhe por eles; já as moças podem tomar conta de si mesmas. Assim, enquanto a atarefada senhora ia de um lugar a outro da casa, ou manejava sua roca num canto da varanda, o honesto Balt fumava sentado seu cachimbo no canto oposto, observando o desempenho do pequeno guerreiro de madeira que, empunhando uma espada em cada mão, brigava com valentia com o vento no alto do celeiro. Enquanto isso, Icabode levava adiante sua peleja com a filha ao lado da fonte sob o grande olmo, ou caminhando a seu lado à luz do crepúsculo, aquele momento tão favorável à eloquência dos amantes.

Confesso desconhecer de que modo o coração das mulheres se deixa persuadir e ser conquistado.

Para mim, elas sempre foram motivo de incompreensão e admiração. Algumas parecem ter um único ponto vulnerável, ou porta de acesso; outras têm milhares de avenidas, e podem ser capturadas de incontáveis formas diferentes. É prova de grande habilidade conquistar as primeiras, mas uma prova ainda maior de estratégia conservar as segundas, já que os combates serão travados

em cada porta e janela. Quem conquista um milhão de corações comuns merece alguma fama; mas o que conserva sua influência sobre o coração de uma coquete é verdadeiramente um herói. Sem dúvida, não era esse o caso do formidável Brom Bones. A partir do momento em que Icabode começou a fazer suas investidas, o interesse daquele evidentemente declinou. Seu cavalo já não era mais visto amarrado à cerca aos domingos à noite. Lentamente, uma disputa mortal foi crescendo entre ele e o preceptor do Vale Adormecido.

Brom, que tinha um pouco de cavalheirismo mal polido em sua natureza, teria de boa vontade levado a disputa para campo aberto e ali resolveriam ambos suas pretensões relativas à donzela, como o fazem os que raciocinam de forma direta e simples, como os cavaleiros errantes de antigamente: decidiriam em um combate. Icabode, porém, estava muito consciente da superioridade física do adversário para que aceitasse entrar na liça com ele. Ouvira dizer que Bones se gabara afirmando que “dobraria ao meio o professor e o poria em uma prateleira de sua própria escola”; por isso era preciso cautela, para não dar ao inimigo essa oportunidade. Havia algo de muito provocante nesse sistema obstinadamente pacífico: ele não deixava a Brom Bones nenhuma outra alternativa a não ser recorrer ao estoque de pilhérias à sua disposição e pregar peças grosseiras no rival. Icabode tornou-se objeto das perseguições extravagantes de Bones e de seu bando de cavaleiros durões. Eles aterrorizaram seus domínios até então pacíficos, tamparam a chaminé da escola de música enchendo-a de fumaça; arrombaram a escola à noite, apesar de suas trancas fantásticas de juncos e estacas, e viraram tudo de cabeça para baixo, de modo que o pobre pedagogo começou a imaginar se todas as bruxas da região estavam se reunindo ali. O que mais incomodava, porém, é que Brom aproveitava todas as oportunidades para

ridicularizá-lo na presença da jovem. Arranjou um cão vadio a quem ensinou a ganhar do modo mais absurdo possível e apresentou-o como rival de Icabode, para instruí-lo no canto dos Salmos.

E assim as coisas foram indo durante algum tempo, sem que nada de concreto acontecesse de um lado ou do outro das partes conflitantes. Numa bela tarde de outono, Icabode, pensativo, encontrava-se sentado no banquinho de

onde normalmente observava seu pequeno reino literário. Balançava na mão a palmatória, o cetro de seu poder despótico; a vidadeira da justiça repousava sobre três pregos atrás do trono. Ela era o terror perene dos malfeitores. Na mesa à sua frente viam-se diversos artigos contrabandeados e armas proibidas, encontradas com fedelhos travessos, tais como maçãs comidas pela metade, pistolas de ar comprimido, piões, armadilhas para pegar moscas e legiões inteiras de pequenos e furiosos galos de briga de papel. Aparentemente ele tinha acabado de infligir aos alunos algum ato de justiça, pois estavam ocupadíssimos com seus livros, ou cochichando dissimuladamente por trás deles com um olho no professor. Reinava na sala um débil zunido, que só foi quebrado com o surgimento de um negro trajando uma jaqueta e calças de estopa, um fragmento de chapéu que lembrava uma coroa, igual à calota de Mercúrio, montado no dorso de um potro selvagem, de pelo áspero, meio amansado apenas, que ele controlava com uma corda que fazia as vezes de cabresto. Aproximando-se ruidosamente da porta da escola, disse a Icabode que ele estava convidado para participar de uns folguedos ou “festejos” naquela noite na casa de Mynheer<sup>4</sup> Van Tassel. Tendo entregue seu recado com aquele ar de importância e de esforço de linguajar de que é capaz um negro em expedientes triviais desse gênero, saiu em disparada em direção ao riacho e foi visto galopando pelo Vale adentro, cheio de importância e de pressa em cumprir sua missão.

A escola se transformara num alvoroço naquele finzinho de tarde. Os alunos foram incitados a correr com as lições sem se deter em trivialidades; metade dos alunos mais ágeis conseguiram dar conta dos exercícios sem serem castigados; os mais lentos recebiam um golpe bem dado nas costas de vez em quando, para apressá-los ou com o intuito de ajudá-los com alguma palavra mais



grandiloquente. Os livros não foram guardados nas prateleiras, foram jogados de lado; muitos tinteiros viraram; os bancos foram derrubados e todo mundo saiu uma hora mais cedo do que de costume, num desembesto que mais lembrava uma legião de diabinhos; e aos gritos, numa verdadeira algazarra pela grama verdejante, radiantes pela libertação antecipada.

O galante Icabode gastava agora pelo menos mais meia hora com sua toalete, escovando e lustrando o melhor que podia aquele que era, na verdade, o seu único terno, preto e desbotado; penteava seus cachos diante de um pedaço de espelho partido que ficava na escola. Para que pudesse comparecer diante de sua amada no verdadeiro estilo cavalheiresco, tomou emprestado um cavalo do fazendeiro em cuja casa estava hospedado no momento, um velho holandês colérico de nome Hans Van Ripper. E assim, garbosamente montado, partiu qual um errante da noite em busca de aventuras. Convém que eu, em obediência ao verdadeiro espírito da história romântica, forneça alguns detalhes da aparência e dos equipamentos que levava meu herói e seu corcel. O animal que montava era um cavalo de arado amansado, que a quase tudo sobrevivera, exceto sua crueldade. Ele era macilento e peludo, tinha um pescoço de ovelha e uma cabeça de martelo: os pelos da crina e do rabo eram sem brilho e emaranhados; um dos olhos perdera a pupila e brilhava de um jeito fantasmagórico. O olho que lhe sobrara, porém, tinha um brilho legitimamente demoníaco. Em seus dias de glória, deve ter sido feroso e cheio de coragem, a julgar pelo nome que tinha: Pólvora. Ele havia sido, a bem da verdade, o corcel favorito de seu mestre, o colérico Van Ripper, que fora um cavaleiro furioso, e provavelmente deve ter infundido um pouco de seu espírito no animal, pois, apesar de sua aparência, manso e velho, havia em seu espírito mais do diabo enrustido do que em qualquer outra potranca da região.

Icabode combinava com esse corcel. O estribo era curto, o que fazia com que seus joelhos ficassem perto demais do arção; seus cotovelos pontudos projetavam-se quais gafanhotos. Trazia o chicote perpendicularmente na mão, como um cetro, e, à medida que seu cavalo ia se arrastando, o movimento de seus braços não era diferente do bater de um par de asas. Um pequeno chapéu de algodão descansava sobre o topo do nariz, que é como poderíamos chamar sua parca testa, e a barra de seu casaco preto flutuava chegando quase até o rabo do animal. Era essa a aparência de Icabode e de seu corcel que, arrastando-se, deixavam o portão de Hans Van Ripper. Tal aparição era difícil de ver em plena luz do dia.

Era, como já disse antes, um belo dia de outono; o céu estava límpido e sereno, e a natureza revestia-se daquele manto dourado que sempre associamos à ideia de abundância. As florestas tinham se coberto de um marrom e amarelo sóbrios, embora algumas árvores mais tenras tivessem sido crestadas pelas geadas e adquirido uma coloração reluzente de laranja, púrpura e escarlata. Filas de patos selvagens surgiram no alto do céu; ouvia-se o som de esquilos nos bosques de faia e nogueiras, e o assobio melancólico da codorniz de tempos em tempos ecoava do campo de restolho vizinho.

Os passarinhos regalavam-se com seu último banquete. Na plenitude daquela festança, eles flutuavam, gorjeando em meio a brincadeiras de galho em galho, de uma árvore à outra, indecisos diante da imensa profusão e variedade à sua volta. Ali estava o tordo macho, caça favorita dos jovens, com seu canto estridente e lamurioso; e os melros pipilantes, que voavam por entre nuvens carregadas; o pica-pau de asa dourada com sua crista de carmim, de espesso colar negro e plumagem exuberante; a família dos cotingídeos também estava ali representada, com suas asas de pontas vermelhas, a cauda de ponta amarela e a

pequena coroa de tufos de penas; o gaio azul, aquele dândi barulhento, com seu manto azul-claro e roupas íntimas brancas, guinchando, chilreando, inclinando-se, balançando-se, curvando-se e fingindo estar de bem com todos os outros cantores do bosque.

À medida que Icabode prosseguia viagem lentamente, seu olho, sempre aberto a todo sintoma de abundância culinária, percorria deliciado os tesouros daquele outono prazenteiro. Via por toda parte quantidades imensas de maçãs, algumas pendiam das árvores com uma opulência opressiva; outras já se achavam amontoadas em cestas e barris prontas para a feira; outras ainda tinham sido postas em enormes pilhas à espera da prensa de cidra. Mais adiante ele avistou vastos campos de milho, em que as espigas douradas projetavam-se para fora de seu invólucro de folhas; abaixo deles, viam-se abóboras amarelas, cujas barrigas redondas elas expunham ao sol, num convite generoso a futuras tortas magníficas. Pouco depois, passou pelos campos perfumados de fagópiros, inalando o aroma das colmeias. Ao vê-las, sua mente deixou-se levar pela expectativa de saborosos bolos fritos, bem amanteigados, acompanhados de guarnição de mel ou melaço com o toque da mãozinha roliça de Katrina Van Tassel.

Com a mente assim abastecida de inúmeros pensamentos doces e “suposições açucaradas”, ia seguindo ao longo das encostas de uma cadeia de montanhas que davam para alguns dos locais mais admiráveis do estupendo Hudson. O sol paulatinamente recolhia seu grande disco no oeste. O vasto recesso de Tappan Zee, imóvel e transparente, só aqui e ali deixava-se perturbar por uma ondulação gentil, que prolongava o azul das águas rasas das montanhas distantes. Algumas nuvens cor de âmbar flutuavam no céu, sem que houvesse um sopro de vento para movê-las. O horizonte tingia-se de um dourado esplêndido, mudando gradualmente para um púrpura-

esverdeado puríssimo, e daí para um azul profundo no meio do céu. Um raio oblíquo demorou-se nos dorsos arborizados dos precipícios que ladeavam algumas partes do rio, dando uma sensação de maior profundidade ainda ao cinza e púrpura escuros de suas encostas rochosas. Lá longe, uma chalupa deslizava sem pressa, diminuindo a marcha aos poucos com a maré; a vela atada ao mastro para nada servia. Como o reflexo do céu brilhasse por sobre a água parada, era como se a embarcação estivesse suspensa no ar.

Já era noitinha quando Icabode chegou ao castelo de Heer Van Tassel. O lugar estava tomado do orgulho e da nata de velhos fazendeiros das regiões vizinhas, uma gente de rosto bronzeado e curtido, de casacos e culotes de fio cru feitos em casa, meias azuis, sapatos enormes e magníficas fivelas de peltre. Suas senhoras, umas mulherzinhas enérgicas e secas, de toucas plissadas muito rentes, vestidos curtos com cintura longa, anáguas de fio cru, com tesouras e almofadas para alfinetes e bolsos de calicó vistosos do lado de fora. Mocinhas rechonchudas, quase tão antiquadas quanto suas mães, a não ser por um chapéu de palha aqui, uma fita bonita ali, ou talvez um manto branco, traziam um ar de inovação da cidade. Os filhos, de casacos de barras quadradas, ornados com uma série de botões de metal, os cabelos enrolados em tranças, segundo a moda da época, principalmente quando conseguiam, para esse fim, pele de enguia, considerada em toda a região um poderoso nutriente e fortificante dos cabelos.

Brom Bones, entretanto, era o herói do lugar, tendo comparecido à reunião montado em Intrépido, seu corcel favorito, uma criatura como o próprio dono, genioso e endiabrado, e que só Brom Bones conseguia controlar. Na verdade, ele tinha fama de gostar de animais rebeldes, dados a todo tipo de truques, que punham sempre em risco o pescoço do cavaleiro, pois Bones achava que um cavalo

tratável, bem amansado, não era digno de um homem de espírito.

Eu fazia aqui de bom grado uma pausa para me alongar um pouco no encantamento que brotava no olhar embevecido do meu herói ao entrar no salão suntuoso da mansão de Van Tassel. Não era, porém, um encantamento decorrente da presença das mocinhas roliças, com seus luxuosos vestidos vermelhos e brancos; sua fascinação provinha dos atrativos da genuína mesa de chá holandesa campestre, na faustosa estação do outono. Quantas travessas de bolos de vários tipos, praticamente indescritíveis, que só as experientes donas de casa holandesas sabem fazer! Lá estava a rosca fantástica, o olykoek<sup>5</sup> macio, e a rosca frita, crocante, que se esfarela na boca; bolos doces e bolinhos, bolos de gengibre e bolos de mel, e toda a família dos bolos. Havia também tortas de maçã e de pêssego, tortas de abóbora, além de fatias de presunto e carne defumada. Havia também pratos deliciosos de ameixas em conserva, pêssegos, peras e marmelo, sem falar no sável grelhado e nas galinhas assadas, tigelas de leite e creme, tudo isso disposto de maneira caótica, exatamente como acabei de enumerar, sendo que o bule de chá materno mandava para o alto suas nuvens de vapor lá do centro — com o perdão da palavra! Preciso de fôlego e de tempo para discutir este banquete como ele merece, mas estou muito ansioso para prosseguir com minha história. Felizmente, Icabode Crane não estava com tanta pressa quanto o narrador de sua história, e fez plena justiça a todas as delícias.

Ele era o tipo da criatura gentil e agradecida, cujo coração se dilatava na proporção em que o estômago se enchia de boa comida, e cujo ânimo se elevava quando comia, como acontece a alguns homens quando bebem. Não conseguia também parar de olhar para todos os lados enquanto comia, exultando com a possibilidade de um dia

tornar-se senhor daquele lugar de luxo e esplendor praticamente inimagináveis. Aí então, ele pensou, viraria mais do que depressa as costas à velha escola; não daria mais a mínima para Hans Van Ripper e todos os outros benfeitores sovinas, sem falar no pontapé que daria em todo pedagogo itinerante que ousasse chamá-lo de camarada.

O velho Baltus Van Tassel caminhava em meio a seus convidados com o semblante cheio de alegria e bom humor, redondo e radiante como a lua da colheita. Não se demorava em suas atenções hospitaleiras, que eram, porém, expressivas, limitando-se a um cumprimento de mãos, um tapinha nos ombros, uma risada sonora e um convite insistente: para que se “aproximassem e se servissem”.

Veio então o som de música do salão, chamando à dança. O músico era um negro de cabelos grisalhos, que há mais de meio século fazia as vezes de orquestra itinerante da região. Seu instrumento era tão velho e gasto como ele. Na maior parte do tempo, limitava-se a arranhar duas ou três cordas, acompanhando cada deslocamento do arco com um movimento da cabeça; curvando-se quase até o chão e batendo o pé sempre que um novo casal estava prestes a entrar na dança.

Icabode orgulhava-se de suas habilidades de dançarino, bem como de sua potência vocal. Não havia membro ou fibra nele que fosse indolente. Quem via aquele indivíduo curvo, de compleição maleável, em pleno movimento, rodopiando ruidosamente pela sala, julgava estar diante do próprio São Vito, o abençoado patrono da dança. Ele chamara a atenção de todos os negros que haviam se reunido ali vindos de todas as fazendas da região, de todas as idades e tamanhos, formando uma pirâmide de rostos pretos reluzentes em todas as portas e janelas, olhando com admiração e prazer a cena, movendo o branco do olho

e mostrando um colar sorridente de marfim que ia de uma orelha à outra. Só podia estar alegre e satisfeito aquele que era o flagelo dos meninos levados! A mulher de seu coração era sua parceira de dança e, sorrindo graciosamente, correspondia a todos os seus olhares apaixonados, enquanto Brom Bones, em profunda tristeza de amor e de inveja, punha-se a meditar sentado em um canto.

Terminada a dança, Icabode quis juntar-se a um grupo de pessoas mais esclarecidas que, juntamente com o velho Van Tassel, fumavam sentadas em uma das extremidades da varanda, fuxicando sobre os velhos tempos e contando longas histórias sobre a guerra.

A comunidade, na época em que se passa esta minha narrativa, era um desses lugares extremamente favorecidos, onde não faltavam crônicas e grandes homens. A linha que separava ingleses e americanos passara perto dali durante a guerra; portanto, a região tinha sido lugar de muita pilhagem e ficara infestada de refugiados, caubóis e todo tipo de cavalaria da fronteira. Já havia passado tempo suficiente para que todos os contadores de casos enfeitassem suas histórias com um pouco de ficção. As lembranças não mais tão vivas permitiam-lhes tornar-se os heróis de todas as façanhas.

Doffue Martling contou sua história. Era um holandês grande de barba azul, que por pouco não tomara uma fragata inglesa com um velho canhão de nove libras montado em um parapeito de barro, e só não o fez porque a arma explodiu no sexto tiro. Estava ali também um cavaleiro já idoso, cujo nome não direi, pois trata-se de um *mynheer* muito rico para ser citado levianamente e que, na batalha de White Plains, sendo excelente mestre de defesa, desviou uma bala de mosquete com uma pequena espada, de tal forma que chegou mesmo a senti-la raspar a lâmina indo ricochetear no cabo. Se alguém duvidasse, ele se dispunha a mostrar a qualquer momento a espada de cabo

torto. Muitos outros foram igualmente fabulosos no campo de batalha, e todos estavam convencidos de que haviam contribuído significativamente para que a guerra tivesse um final feliz.

Tudo isso, porém, não tinha a menor importância se comparado às histórias de fantasmas e aparições que vieram a seguir. A região é rica em tesouros lendários desse gênero. As histórias e superstições locais se desenvolvem melhor nesses recantos retirados e de colonização antiga; mas são esmagadas pela multidão migratória que compõe a população da maioria de nossas regiões campestres. Além do mais, na maior parte de nossas vilas, é pouco o incentivo à crença em fantasmas, pois mal adormecem e se revolvem no túmulo, seus amigos vivos já estão de partida da região. Assim, quando aparecem à noite para dar uma volta, não resta nenhum conhecido a quem possam chamar. Talvez seja essa a razão por que ouvimos tão pouco falar de fantasmas, exceto em nossas comunidades holandesas, cuja fundação é de longa data.

Todavia, o motivo principal do predomínio de histórias sobrenaturais nessas regiões se deve, sem dúvida, à proximidade com o Vale Adormecido. O ar que sopra daquela região assombrada é contagioso, ele vem carregado de uma atmosfera de sonhos e fantasias que infecta toda a região. Havia muita gente do Vale Adormecido presente à casa de Van Tassel e, como de costume, compartilhavam suas lendas estranhas e maravilhosas. Contavam-se muitos contos lúgubres sobre cortejos fúnebres, gritos aflitos e lamentações ouvidas e vistas perto da grande árvore onde o infeliz Major André faleceu, e que ficava nas cercanias. Citaram também o caso da mulher de branco, que assombra a ravina escura da Rocha do Corvo, cujos gritos são ouvidos com frequência nas noites de inverno antes das tempestades, tendo ela morrido ali sob a neve. A história predileta, porém, era a do



espectro do Vale Adormecido, o Cavaleiro Sem Cabeça, que fora ouvido diversas vezes ultimamente em sua patrulha pela região. Dizia-se que ele amarrava seu cavalo todas as noites entre as sepulturas do cemitério da igreja.

A localização isolada da igreja parece tê-la transformado, com frequência, no local preferido dos espíritos atribulados. Situada em um outeiro, rodeada por locustas, árvores e olmos majestosos, no meio dos quais suas paredes respeitáveis e brancas se destacam com modéstia, como se a pureza cristã brilhasse em meio às sombras daquela solidão. Dali, num suave declive, vamos dar num lençol de prata de águas reluzentes, circundadas por árvores altas, de onde se podem avistar aqui e ali as colinas azuladas do Hudson. Quando contemplamos o gramado do cemitério, onde os raios de sol parecem repousar tão tranquilos, somos levados a pensar que pelo menos ali os mortos devem descansar em paz. Em um dos lados da igreja estende-se um vale pequeno e arborizado, ao longo do qual corre com fragor um riacho caudaloso por entre rochas escarpadas e troncos de árvores caídas. Em uma parte escura e profunda do riacho, não muito longe da igreja, havia em tempos idos uma ponte de madeira. A estrada que levava até lá, e a ponte propriamente dita, ficaram debaixo das espessas sombras das árvores que as encobriam, o que lhes deu um quê melancólico, até mesmo à luz do dia. À noite, contudo, as trevas ali metem medo. Esse era um dos lugares favoritos do Cavaleiro Sem Cabeça, e onde se podia encontrá-lo o mais das vezes.

Quem narrou a história foi o velho Brouwer, um dos maiores hereges, um dos homens que menos creem em fantasmas. Ele contou como foi seu encontro com o Cavaleiro que retornava de uma incursão ao Vale Adormecido, e de como fora obrigado a montar em seu cavalo e galopar através de arbustos e matagais, colinas e pântanos, até chegarem à ponte. Aí então o Cavaleiro

transformou-se subitamente em esqueleto, jogou o velho Brouwer no riacho e partiu saltando sobre a copa das árvores com um estrondo de trovão.

Essa história foi logo seguida de uma terceira à altura. Tratava-se de uma aventura formidável narrada por Brom Bones, que fez pouco da fama de jóquei refinado de que gozava o Cavaleiro do Vale. Afirmava que ao retornar certa noite da aldeia vizinha de Sing Sing, tinha sido surpreendido pelo mercenário noturno que lhe propusera disputar em uma corrida uma tigela de ponche, e por pouco o Cavaleiro não ganha. Intrépido, o cavalo de Brom Bones. ia vencendo de lavada o cavalo do além, mas ao se aproximarem da ponte, o Cavaleiro fugiu, desaparecendo num relâmpago de fogo.

Todas essas histórias, contadas naquele tom arrastado que os homens empregam quando conversam no escuro; e os semblantes dos ouvintes, que só de vez em quando se viam banhados pelo brilho esporádico do clarão de um cachimbo, calaram de modo profundo na mente de Icabode. Ele pagou-lhes em espécie com porções generosas colhidas em seu inestimável autor. Cotton Mather, acrescentando muitos outros eventos maravilhosos acontecidos em Connecticut, seu estado natal. Contou-lhes ainda das visões apavorantes que presenciara em suas andanças noturnas pelo Vale Adormecido.

A festa foi aos poucos chegando ao fim. Os velhos fazendeiros reuniram suas famílias nos carroções e, mesmo quando já iam longe, ainda era possível ouvir o estrépito deles pela estrada esburacada e nas colinas distantes. Algumas donzelas acomodaram-se nos assentos traseiros, atrás de seus pretendentes favoritos. Seu riso descontraído, misturado ao tropel dos cascos, ecoava pelos bosques silenciosos e ia se tornando cada vez menos audível, até sumir completamente. Não havia mais em parte alguma um ruído ou um folgado qualquer, só o silêncio e o vazio.

Icabode demorava-se um pouco mais atrás, segundo o costume dos namorados do interior, para estar *tête-à-tête* com a herdeira, convencido de que estava agora no rumo certo do sucesso. Não direi o que se passou nessa entrevista, mesmo porque não sei. Receio, porém, que algo tenha saído errado, já que Icabode partiu impetuosamente, não muito tempo depois, com um ar desolado e aflito. Ó, essas mulheres! Essas mulheres! Será que a moça esteve aprontando alguma de suas travessuras juvenis? Teria ela encorajado falsamente o pobre pedagogo só para garantir a conquista de seu rival? Só os céus sabem, não eu! Basta dizer que Icabode se foi com um ar de quem esteve recolhendo as galinhas ao poleiro, não de alguém que procurara acolher o coração de uma dama impoluta. Sem olhar para a direita ou para a esquerda, ignorando a riqueza da paisagem rural do lugar que tantas vezes e tanto cobiçara, foi direto ao estábulo. Ali, com diversas bofetadas bem dadas e pontapés, pôs de pé com estupidez seu corcel, que dormia confortavelmente num sono profundo sobre seus quartos traseiros sonhando com montanhas de milho e aveia, e vales inteiros de capim e cravo.

Foi naquela hora mais assustadora da noite que Icabode, de coração partido e cabisbaixo, pôs-se a caminho de casa pelas encostas das imponentes colinas que se erguem acima da Cidade da Demora, e que ele cruzara com tanta satisfação à tarde. Sentia-se tão desolado quanto a desolação daquela hora. Bem abaixo dele, as águas do Tappan Zee estendiam-se imensas, indistintas e negras. Aqui e ali divisava-se o mastro alto de uma chalupa que, ancorada, oscilava silenciosamente. No silêncio profundo da meia-noite, Icabode podia ouvir até mesmo o latido de um cão de guarda na margem oposta do Hudson; mas era tão vago e débil, que servia apenas para dar uma ideia da distância que o separava daquele fiel companheiro do homem. De vez em quando, também, o prolongado canto

de um galo, acordado acidentalmente, ecoava bem longe, muito distante, em alguma fazenda em meio às colinas, mas era como se fosse um som saído de um sonho para seus ouvidos. Não havia nenhum sinal de vida à sua volta; às vezes, porém, ouvia o canto melancólico de um grilo, ou ainda o coaxar fanho de uma rã gigante em um pântano vizinho, como se dormisse desconfortavelmente e se virasse súbito na cama.

Todas as histórias de fantasmas e duendes que ouvira à tarde vinham agora povoar sua lembrança. As trevas desciam cada vez mais densas sobre a noite; as estrelas pareciam afundar-se ainda mais no céu, e ficavam ocultas à vista quando, por vezes, alguma nuvem que passava as encobria. Jamais se sentira tão só e desamparado. Aproximava-se, além disso, do lugar exato onde muitas das histórias sobre fantasmas haviam ocorrido. No meio da estrada havia um tulipeiro enorme, que se erguia como uma torre acima das demais árvores ao redor, formando um tipo de marco. Seus arbustos retorcidos eram fantásticos, e tão grossos quanto os troncos das árvores comuns. Eles desciam serpenteando quase até o chão, depois ganhavam novamente o céu. Essa árvore estava relacionada à trágica história do infeliz André, que fora feito prisioneiro ali perto. Todos a conheciam pelo nome de árvore do major André. O vulgo a encarava como um misto de respeito e superstição, em parte em solidariedade à sina de seu mal-aventurado homônimo; e em parte por causa das histórias sobre estranhas visões, e pesarosos lamentos, relacionados a ela.

À medida que Icabode se aproximava da temível árvore, começou a assobiar. Achou que seu assobio fora correspondido, mas aquilo nada mais foi do que uma rajada de vento que passara bruscamente pelos galhos secos. Chegando um pouco mais perto, pensou ter visto algo branco pendurado no meio da árvore. Estacou, parou de assobiar, mas depois de um exame mais detido, viu que era

o lugar onde a árvore havia sido chamuscada por um raio. A madeira branca ficara ali exposta. De repente, ouviu um gemido; rangeu os dentes, seus joelhos comprimiram-se à sela. Entretanto, aquilo fora apenas o atrito provocado por um ramo muito grande que, impulsionado pela brisa, chocara-se com outro. Ele passou em segurança pela árvore, contudo novos perigos o aguardavam mais à frente.

Cerca de dois metros da árvore, um pequeno riacho cortava a estrada, indo desembocar em uma ravina pantanosa e de espesso arvoredado, conhecida pelo nome de Pântano do Wiley. Alguns troncos dispostos lado a lado serviam de ponte sobre o córrego. Daquele lado da estrada, onde o riacho entrava pela floresta, um grupo de carvalhos

e nogueiras, entretrançados por uma espessa vinha brava, cobria o local com profunda melancolia. Atravessar a ponte era a prova mais difícil. Foi nesse mesmo lugar que o infeliz André fora capturado. Abrigados por aquelas nogueiras e vinhas, os soldados ingleses, uns brutamontes, o surpreenderam. Desde então, aquele riacho passou a ser visto como assombrado, e com que medo um escolar o atravessa sozinho depois de caída a noite.

Ao se aproximar do riacho, seu coração começou a palpitar. Ele, porém, muniu-se de toda a sua determinação, e chutando diversas vezes as costelas do animal, tentou atravessar rapidamente a ponte. Mas em vez de seguir em frente, o velho e perverso corcel fez um movimento lateral, e partiu em direção à cerca. Icabode, que com a demora ficava mais amedrontado ainda, puxou bruscamente as rédeas para o outro lado, chutando com força o cavalo com o outro pé. Mas foi tudo em vão; o cavalo, é verdade, começou a andar, só que para o lado oposto da estrada, rumo a uma moita de amoreira silvestre e galhos de amieiros. O mestre-escola aplicou então o chicote e as canelas nas costelas pontudas do velho Pólvora, que disparou em frente, fungando e bufando, empacando novamente perto da ponte, e tão subitamente, que por pouco não joga seu cavaleiro de cabeça no chão. Foi nesse preciso momento que Icabode captou, com seu ouvido sensível, um andarilho coberto de lama postado ao lado da estrada. Na sombra escura do bosque, às margens do rio, ele viu uma coisa grande, disforme e imponente. O vulto não se movia, parecia uma massa concreta em meio as trevas, como se fosse um monstro gigantesco pronto a dar bote sobre o viajante.

Os cabelos do pedagogo apavorado eriçaram-se de medo. Que fazer? Era tarde demais para fazer meia-volta e fugir; além disso, que chances tinha ele de escapar de fantasmas ou duendes, se é que era esse o caso, se eles

podiam tomar as asas do vento? Recobrando então um resto de coragem, Icabode perguntou com a voz trêmula: “Quem é você?” Não houve resposta. Ele repetiu a pergunta com a voz mais vacilante ainda. De novo, nenhuma resposta. O professor desferiu novo golpe nas laterais do inflexível Pólvora e, fechando os olhos, pôs-se a cantar involuntariamente um Salmo. Só então o objeto sombrio e alarmante começou a se mover e, com um salto desajeitado, estacou no meio da estrada. Embora a noite estivesse escura e lúgubre, ainda assim era possível discernir, mais ou menos, a forma do desconhecido. Parecia tratar-se de um cavaleiro de grandes dimensões montado em um cavalo preto de constituição robusta. Ele não deu nenhuma demonstração de hostilidade ou de sociabilidade, conservando-se à distância em um dos lados da estrada e movendo-se lentamente em um ângulo que não era possível ao velho Pólvora vê-lo. Este, por sua vez, acabara justamente de se recuperar do susto e de seus caprichos.

Icabode, que não tinha nenhuma simpatia por esse estranho companheiro noturno e pensava na aventura de Brom Bones com o Cavaleiro do Vale, apressava agora seu corcel na esperança de deixar para trás o desconhecido. O estranho, porém, apressou igualmente seu cavalo para acompanhá-lo. Icabode puxou as rédeas diminuindo a marcha, na intenção de ficar para trás — o outro fez o mesmo. Seu coração começava a desfalecer. Esforçou-se para retomar o Salmo, porém sua língua ressequida colava-se ao céu da boca, e ele não conseguia entoar uma estrofe sequer. Havia algo de misterioso e aterrador no silêncio soturno e inflexível daquele companheiro obstinado. Em breve se revelaria a terrível razão disso. Ao galgar uma pequena elevação, a figura de seu companheiro de viagem ganhou contornos mais nítidos em contraste com o céu. Sua altura era colossal, e uma capa o recobria totalmente. Icabode ficou petrificado de medo quando percebeu que o

vulto não tinha cabeça! Mais amedrontado ele ficou ainda quando viu que a cabeça, que devia estar sobre os ombros, ia à sua frente no arçãõ da sela! Seu medo transformou-se em desespero. Icabode cobriu de chutes e socos o Pólvora, na esperança de que um movimento súbito pudesse afugentar seu companheiro; o espectro, porém, começou a saltar junto com ele. Partiram então em disparada não se deixando deter por nenhum obstáculo; a cada salto, voavam faíscas e pedras. As roupas baratas de Icabode iam flutuando pelo ar, à medida que ele esticava seu corpo longo e delgado sobre a cabeça do cavalo, na sofreguidão da fuga.

Chegaram então à estrada que vai em direção ao Vale Adormecido; o Pólvora, porém, que parecia possuído por um demônio, em vez de seguir em frente, fez a curva e lançou-se impetuosamente colina abaixo, à esquerda. Essa estrada passa por um vale arenoso cujas árvores estendem sobre ela sua sombra por cerca de quatrocentos metros, onde então há uma ponte famosa nas histórias sobre duendes; pouco além avulta o outeiro no qual está localizada a igrejinha branca.

O pânico que tomou conta do animal parece ter dado a seu inábil cavaleiro uma aparente vantagem na perseguição. Todavia, mal acabara o professor de passar o meio do vale, as cilhas da sela se romperam, e ele sentiu-as escorregando sob si. Pegou-as pelo arçãõ, e se esforçou para segurá-las com firmeza, mas foi em vão. Teve tempo apenas de se salvar, agarrando-se ao pescoço do Pólvora no momento em que a sela caía no chão. Ouviu em seguida seu perseguidor que passava sobre ela. Por um momento, a ira de Hans Van Ripper cruzou-lhe a mente apavorada — pois era sua sela de domingo —; mas aquela não era hora para temores banais. O diabo estava em seu encalço e (apesar de toda a sua imperícia), esforçava-se para se manter no lugar, escorregando às vezes para um lado.



outras vezes para o outro; sacudindo-se por vezes sobre a espinha do animal com tal violência a ponto de crer que fosse partir-se ao meio.

Uma clareira em meio às árvores alimentou-lhe a esperança de que a ponte da igreja estivesse próxima. O reflexo cintilante de uma estrela prateada nas águas do riacho fê-lo crer que não estava enganado. Ele viu as paredes da igreja que brilhavam palidamente sob o arvoredos mais à frente. Lembrou-se do lugar onde o competidor fantasmagórico de Brom Bones havia desaparecido. “Se eu puder ao menos chegar até a ponte”, Icabode pensou, “estarei salvo”. Foi então que ouviu o corcel negro ofegante bem atrás dele; achou até que tinha sentido seu hálito quente. Mais uma canelada nervosa nas costelas, e o velho Pólvora saltou sobre a ponte, caindo sobre as tábuas com um estrondo e passando para o outro lado. Icabode olhou então para trás para ver se seu perseguidor havia desaparecido, segundo se dizia, em uma labareda de fogo e enxofre. Foi então que viu o demônio erguendo-se sobre o estribo no momento em que empunhava a cabeça para arremessá-la contra Icabode. O professor fez o que pôde para desviar-se do terrível projétil, mas foi inútil. Ela chocou-se contra seu crânio com um estampido tremendo. Icabode caiu de cabeça no chão empoeirado. Em seguida, o Pólvora, o corcel negro e o cavaleiro fantasma passaram por ele como um furacão.

Na manhã seguinte, o velho animal foi achado sem sela e com uma rédea debaixo das patas, pastando indiferente em frente ao portão de seu mestre. Icabode não apareceu para o café da manhã. Veio a hora do jantar, mas nada de Icabode aparecer. Os garotos reuniram-se à porta da escola, e caminhavam a esmo pelas margens do riacho, mas nada do professor aparecer. Hans Van Ripper começou a ficar preocupado com o que teria acontecido ao pobre Icabode, e à sua sela. Iniciou-se uma busca, e depois de uma investigação criteriosa, encontraram-se alguns vestígios do professor. Em uma parte da estrada, na direção da igreja, foi localizada a sela amarfanhada e suja; as pegadas dos cascos dos cavalos haviam deixado marcas bem visíveis pela estrada, e indicavam uma velocidade sem dúvida surpreendente rumo à ponte, além da qual, às margens de uma parte mais larga do riacho, onde as águas são profundas e escuras, foi encontrado o chapéu do infeliz Icabode e, bem ao lado, uma abóbora estilhaçada.

Deram busca no rio, mas não localizaram o corpo do mestre. Hans Van Ripper, na qualidade de executor de sua propriedade, examinou a trouxa que continha todos os pertences terrenos do professor. Havia duas camisas e meia, duas gravatas; um par de meias em péssimo estado; um velho par de calções de cotelê, uma navalha enferrujada, um livro de músicas dos Salmos cheio de orelhas nas páginas e um diapasão de sopro quebrado. Com relação aos livros e à mobília da escola, eram da comunidade, com exceção da *História da Bruxaria*, de Cotton Mather, um almanaque da Nova Inglaterra e um livro de sonhos e de adivinhações, no qual foi encontrada uma folha de papel almaço cheia de rabiscos e borrões, frutos de várias tentativas inúteis de se fazer uma cópia de versos em homenagem à herdeira de Van Tassel. Esses livros mágicos, juntamente com as garatujas poéticas, foram condenadas à fogueira por Hans Van Ripper que, daquela data em diante, resolveu não mandar mais seus filhos à escola, salientando que nunca soube de nada de bom que pudesse advir de saber ler e escrever. O dinheiro do mestre-escola, não

importava quanto fosse — ele havia recebido seu pagamento trimestral cerca de um ou dois dias antes do incidente —, devia estar todo com ele na ocasião de seu desaparecimento.

O evento misterioso foi motivo de muita especulação na igreja no domingo seguinte. As pessoas, reunidas em pequenos grupos no pátio da igreja, na ponte e no local onde o chapéu e a abóbora haviam sido encontrados, observavam e faziam comentários entre si. As histórias de Brouwer, de Bones, e muitas outras vieram à tona. Depois de analisá-las todas diligentemente e de compará-las com os aspectos do presente caso, sacudiram a cabeça e chegaram à conclusão de que Icabode tinha sido arrebatado pelo Cavaleiro do Vale. Como era solteiro, e não devia a ninguém, as pessoas pararam de se preocupar com ele. A escola foi transferida para um local diferente do vale, e outro pedagogo reinava então em seu lugar.

Na verdade, um velho fazendeiro que estivera em Nova York muitos anos depois, e por meio de quem esta história se tornou conhecida, estava convencido de que Icabode Crane ainda estava vivo, e que teria deixado a região em parte porque tinha medo do demônio e de Hans Van Ripper; em parte também porque se sentia mortificado pelo fato de ter sido dispensado tão subitamente pela herdeira. Mudou-se então para um lugar distante do país, onde abriu uma escola enquanto estudava direito. Tendo se formado, entrou para a política, fez campanha eleitoral, escreveu artigos para o jornal, e finalmente tornou-se juiz de pequenas causas. Brom Bones, que pouco depois do desaparecimento de seu rival levou a bela Katrina em triunfo ao altar, parecia saber de muitos detalhes da história de Icabode sempre que alguém a contava. Quando chegava a parte da abóbora, ele quase morria de tanto rir, o que levou algumas pessoas a suspeitarem de que ele sabia mais sobre o assunto do que aparentava.

As velhas esposas do interior, entretanto, que são as melhores juízas nesses assuntos, afirmam até hoje que Icabode foi raptado por meios sobrenaturais. Essa história tornou-se uma das prediletas por toda aquela região à volta da lareira no inverno. A ponte tornou-se mais do que um objeto de admiração supersticiosa. Talvez seja essa a razão por que o curso da estrada foi alterado anos mais tarde, de modo que se pudesse chegar à igreja margeando o açude. A escola abandonada logo ficou em ruínas. Dizia-se que era assombrada pela alma do infeliz pedagogo. Um jovem lavrador, que voltava para casa em uma noite plácida de verão, disse ouvir sua voz ao longe, cantando um Salmo melancólico por entre as plagas solitárias e tranquilas do Vale Adormecido.

PÓS-ESCRITO COM A CALIGRAFIA DO SR.  
KNICKERBOCKER

A história precedente foi reproduzida praticamente com as mesmas palavras com que a ouvi relatada em uma reunião comunitária na antiga cidade de Manhattoes, na qual estiveram presentes muitos de seus mais sábios e ilustres cidadãos. Ela nos foi narrada por um senhor idoso, simpático e modesto, de terno acinzentado, de semblante triste, porém cômico, e que eu tive a forte impressão de ser pobre — ele se esforçava muito para ser divertido. Terminada a história, ela foi muito bem recebida e houve uma explosão de gargalhadas, principalmente da parte de dois ou três velhos vereadores suplentes, que dormiram durante boa parte do tempo. Havia, porém, um cavalheiro alto, de olhar impassível e sobrancelhas hirsutas, cujo rosto manteve-se grave e muito sério durante toda a narração; de vez em quando, cruzava os braços, inclinava a cabeça e olhava para o chão, como se em sua mente entretivesse uma dúvida. Ele era um daqueles homens cautelosos, que nunca ria se não houvesse um bom motivo — contanto que estivessem com a razão e a lei ao seu lado. Depois de cessado o riso de toda a comunidade presente, e restaurado o silêncio, ele apoiou um braço sobre o braço da cadeira e, esticando o outro em ângulo agudo, quis saber, com um menear extremamente discreto da cabeça, e franzindo o cenho, qual era a moral da história, e o que se pretendia provar com ela.

O narrador, que naquele instante levava aos lábios um cálice de vinho para mitigar o esforço despendido, parou por um momento, olhou para seu inquisidor com um ar de suprema indiferença e, baixando a taça lentamente até a mesa, disse que a história procurava provar com muita lógica que:

“Não há na vida nenhum clímax, embora tenha ela suas vantagens e prazeres, desde que tomemos como pilhéria o que pilhéria for.

“Portanto, quem aposta corrida com mercenários do além, com certeza terá pela frente uma cavalgada nada agradável.

“Assim, um mestre-escola do interior a quem é recusada a mão de uma herdeira holandesa, terá certamente um alto cargo no Estado.”

O velho cavalheiro circunspecto franziu dez vezes mais o cenho depois dessa explicação, tomado que foi de grande perplexidade pelo raciocínio daquele silogismo. Ao passo que o outro, em seu terno acinzentado, parecia olhá-lo, triunfante, com o rabo dos olhos. Por fim, observou ele, tudo isso pareceu-lhe bem, mas achava ainda a história um pouco extravagante, pois havia uma ou duas passagens que lhe pareciam duvidosas.

“Fé, senhor”, disse-lhe o narrador. “Pois eu mesmo não creio nem na metade disso.”

---